

TRABALHADOR

José Pereira Mendes, o baiano tangaraense

>> Rosi Oliveira
Especial DS

O Memórias de hoje contará a história de José Mendes Pereira, nascido em Carinhanha, na Bahia, às beiras do Rio São Francisco, no dia 24 de agosto de 1920, numa família bastante numerosa, onde convivia com mais 11 irmãos.

José viveu com a família onde todos lidavam na roça, com vários tipos de lavoura, buscando ajudar os pais no sustento de todos. Após a morte da mãe, decidiu sair de casa em busca de novos caminhos, e foi para Goiás, onde passou a trabalhar em um ramo totalmente novo e desconhecido para ele, uma usina de cana de açúcar.

Passados alguns anos em Goiás, novamente resolveu mudar-se, e escolheu a cidade de São

Paulo para viver.

Chegando ali, começou a trabalhar novamente em lavoura de algodão. Com o passar dos dias José precisou arrumar alguém que pudesse lavar suas roupas, foi então que se aproximou de Alice Alves Moreira, por quem se interessou. “Eu conheci ele assim. Uma vizinha lavava roupa para ele. Aí a vizinha mudou e eu fiquei lavando roupa pra ele, foi assim que eu conheci ele. Daí comecei a lavar roupas para ele”, contou a esposa.

Com a proximidade dos dois, José acabou por confidenciar à esposa que estava interessado por ela. Foi quando Alice pediu permissão aos pais para levá-lo em casa. “Contei para meus pais e ele veio pedir para eles, que gostaram muito dele porque já conheciam da lavoura e sabiam que o rapaz



José Mendes Pereira, nascido em Carinhanha, na Bahia, às beiras do Rio São Francisco

era muito trabalhador.

Nessa época José já tinha 32 anos de ida-

de. Passados dois anos do namoro, o casal se casou, ou melhor, se

amasiou, pois José já havia se casado, mas não tinha se separa-

do legalmente, o que o possibilitou de casar novamente no papel.

Buscando novos caminhos

A homenagem

>> Rosi Oliveira
Especial DS

Com o casamento, o casal se mudou para Naviraí, Mato Grosso do Sul, onde continuaram os dois a trabalhar na lavoura, e ali nasceram cinco filhos do casal.

Depois de um bom tempo morando na região, ouviram falar de Tangará da Serra, e resolveram mudar-se. Arrumaram a mudança e subiram no ‘pau de arara’, juntamente com mais 30 pessoas aproximadamente.

Chegaram em Tangará no ano de 1968, após cinco dias de cansativa viagem. Dona Alice comenta da subida da serra, mas não conseguiu relatar exatamente a passagem. Apenas lembra que era muito difícil.

Chegando aqui, a



Chegou em Tangará no ano de 1968, após cinco dias de cansativa viagem

família foi acolhida por um dos moradores da cidade, que os levou para uma fazenda onde hoje é o Salto das Nuvens, mudando-se para a cidade algum tempo depois para que os filhos pudessem es-

tudar. Mas José continuou na roça, trabalhando para sustentar a família.

Após vários anos de lida árdua, José começou a apresentar problemas de saúde, o que lhe impossibi-

litava de fazer o que mais gostava, trabalhar. “Ele foi ficando doente, e não aguentava mais trabalhar. Deu problema no pulmão e próstata”, o que acabou por tirar-lhe a vida.

>> Rosi Oliveira
Especial DS

Seu José faleceu no dia 13 de dezembro de 2010, já com 80 anos, e por ter sido um dos pioneiros da cidade recebeu a linda homenagem de ter seu nome eternizado em Tangará da Serra. O poder executivo, através

da indicação do há época vereador, José Pequeno, nomeou a rua sete com seu nome na Vila Alta. Deixou um legado de retidão e honestidade, que desde muito pequenos os filhos Elza, Neusa, Marina, Luís, Divino, Inês, Roberto, Carlos, Gilberto, Gilmar, Ivone e Ivone aprenderam.



APOIO

